

“E serão dois numa só carne”

por ALVARO CUNHAL

Adolescência. Os corpos fazem veementes apelos à reprodução e ao prazer. Desperta vibrantemente a maturidade. O desejo ardente dum affecto e duma fantasiada realização brota com violência das entranhas. Sonha-se, sofre-se, criam-se as próprias ilusões e as próprias torturas. Uma nova preocupação ganha o corpo e o espirito. Essa preocupação inquieta, excita, magoa. Causa insónias e lágrimas silenciosas. As exigências do estômago que quer alimento e dos pulmões que querem ar, uma nova exigência se junta, menos precisa talvez, mas mais obsecante e total. Apenas agora não é um objecto inanimado que será capaz de satisfazê-la. É um ser humano susceptível de sofrer e de gozar. Este é o traço distintivo que separa esta nova exigência das exigências do pão, do ar, do fato, da escola.

Quanto de generosidade, de sinceridade e de desinteresse nos primeiros amores dos adolescentes. Quanto de bela inexperiência, quanto de vontade de sacrificio, quanto de desejo duma funda mútua-compreensão.

Depois os saculões da vida. Os ensaios práticos sobrepondo-se passo a passo à idealização, esfacelando-a com crueza, conduzindo à descrença e até à amoralidade. Convenções e impossibilidades levam o jovem a dissociar a mulher que ama e gostaria de ter por companheira da mulher que lhe é acessível. O jovem chega assim por vezes a repellar, horrorizado pela própria «anormalidade», as formas definidas da sua afeição. Onde um maior ultraje à natureza? E a jovem espera—é condenada a esperar. Ficam-lhe para trás irrealizadas possibilidades, que foram o seu sonho, a sua vida de muitos dias, até de muitos anos. Espera poder entrar ao abrigo dum preceito legal que desconhece. Decreto n.º 1, art. 4.º: «Não podem contrair casamento... os menores de dezotto anos, sendo do sexo masculino, e de dezasseis, sendo do feminino». E depois, até aos 21, o consentimento dos pais, de que estes se servem para fazer chantage, para fazer das suas próprias simpatias as simpatias de suas filhas. A jovem espera. Quantas vezes até sentir murchar a sua plenitude de mulher. Quantas vezes indefinidamente, sujeita ao dichote

cruel: «ficou para tia». Como é eloquente o número de 300 mil mulheres solteiras de mais de 30 anos, existente no nosso país!

Os rapazes encontraram meios fáceis de alijarem o peso duma insatisfação. E de princípio julgam ter conquistado a forma ideal de serenar os corpos. Como podem eles avaliar o preço dessa solução que a sociedade lhes abre como natural e necessária? Como podem eles medir a gravidade duma doença que a ignorância faz considerar uma «doença honrosa»? Como podem eles conhecer as tragédias que exprime o número (mínimo em relação à realidade) das 13.000 consultas e 70.000 injeções anuais nos postos anti-venéreos? E—mais grave ainda—como podem medir a modificação e amoralização do carácter proveniente duma tal educação? Como podem compreender a própria abjecção, o seu horrível papel de prostitutas?

Por outro lado: Como podem as raparigas que esperam, traídas e sofredoras, compreender o que de arruante representa o preço da sua espera, do seu retraimento, da sua honra? Como podem elas, por detrás das suas vidraças, ou sob o sol que ao meio-dia banha as ruas, saber o significado de 22.000 toleradas inspeccionadas em Lisboa, de 24.000 no Porto? Como podem elas supôr o afundamento gradual, irresistível e doloroso de dezenas de milhares de mulheres? Como podem ver tragédia, fome, sedução, desespero e aniquilamento sem *issue*, onde lhes ensinaram a ver só desregramento e vergonha?

A adolescência gritou, desejou, construiu uma esperança: uma companhia para o amor, um outro ser generoso e sincero para com ele receber os ensinamentos da natureza. O mundo opõe barreiras, dificulta, impede. A experiência dilue as construções imaginativas da adolescência. Modifica os caracteres, as sensibilidade, os sentimentos e os corpos. Cauteriza os primeiros anseios, desinteressados e impulsivos. Se não fóra a profundidade e a humanidade de tais anseios, eles desapareceriam, morrendo e matando.

Mas os males do mundo não conseguem o apagamento total dessa sofreguidão de carimbo e de comunhão sã. Através das dolorosas tenta-

tivas, das doenças, da educação amoralizante, permanece, embora abalada e torturada, a ânsia dum amor profundo e definitivo. Os sonhos corporizam-se, convertem-se em projecto claro e premente: um companheiro, um amigo; uma companheira, uma amiga; para a vida, para o amor, para as dores, para as alegrias. E este problema arruma-se, ao lado dos mais cruciantes problemas da juventude.

Não há conselhos à renúncia que consigam a desistência do amor. Houve quem pregasse a continência como «a mais sublime de todas as virtudes». Pobre humanidade se a máxima fosse aceite. De homens nem lembranças haveria já à superfície da terra. Talvez tivessem subido aos céus; mas esta mesma hipótese torna indiscutível que já não viveriam na terra... É da própria natureza humana o prolongamento do próprio ser num novo ser. E, num outro plano: a continência não mata, mas deforma e deshumaniza. Não pode ser humano quem não ame. «A relação directa, natural, necessária, dos seres humanos é a relação entre o homem e a mulher». Um ser continente é um ser embotado, sujeito a exageros sentimentais e a frequentes erros de apreciação das acções humanas. E, se a continência voluntária pode tornar-se um estado normal em seres particularmente fracos, mornos ou fanáticos, ela é uma atitude contra-natura nos homens-humanos e nas mulheres-humanas. Não se pode viver sem amar. Dessa despótica necessidade falam muitas tragédias, muitas tuberculoses, muitas neurastenias, muitos suicídios.

O amor é parte integrante da vida. Por isso, a escolha duma companheira ou dum companheiro, o casamento, a constituição dum lar, a vontade de prolongar num filho a própria existência, constituem um problema central da vida da juventude. Não há fome nem escuridade que o façam esquecer. Quando muito adiam (em muitos casos irremediavelmente) a sua solução. Mas, quando isto se dá, uma angústia acabrunhadora ficará vida fóra limitando o potencial de realizações. Os seres desemparelhados nunca poderão atingir uma plenitude equilibrada de sentimentos, affecto e inteligência. O amor banha os seres com uma

nova e acariciante luz-de-compreensão. O amor escancara ante a inteligência um novo mundo.

Mas, para a realização do amor, para a constituição dum lar, para a felicidade da projecção da própria existência num novo ser, quantas dificuldades a resolver, quantos obstáculos a superar! Não se pode falar em amor, quando a eleição é pautada por diferenças e necessidades económicas, por diferenças de casta, por caprichos familiares, pela superioridade dum sexo em relação ao outro. Não se pode falar em lar, quando a nova família se vai acolher a barração desabrigado e desconfortante, quando família significa sustento. Não se pode falar em procreação feliz, quando ante os filhos se abre a perspectiva da falta de alimentos, de vestuário, de educação. Não se pode falar em amor, nem em lar, nem em procreação feliz, quando não é uma afeição independente que determina a união de homem com mulher, mas antes uma série de factores totalmente estranhos ao sentimento e à atracção, quando as relações entre os sexos não são um caso privado dos interessados, mas antes um caso comandado pela economia, e por convenções e pelos outros.

Dai esses desgraçados «lares» que mal conseguem tapar a poligamia dos maridos e a poliandria das mulheres. Dai essas trágicas uniões onde há mais lágrimas e gritos que risos e palavras amigas. Dai esses quasi mil divórcios litigiosos anuais e essas milhares de separações—forma mais económica e menos escandalosa de divórcio. Dai adultérios, infanticídios, abortos, crimes passionais e prostituição.

Das relações entre homem e mulher—que o amor deveria inundar de harmonia, entendimento e felicidade—fez-se um necessário mas enfraquecedor fardo, que o casamento consagra. A esposa é a costureira e a cozinheira do marido. Na generalidade, o casamento é mais arrumação que amor. Os homens ainda não souberam (nem puderam) fazer das mulheres as suas esposas num sentido completo, as suas companheiras em casa, no trabalho, nas diversões, nos exercícios do espirito, no estudo, na arte. Na sua grande maioria, as mulheres são

(Continua na página treze)

"E SERÃO DOIS NUMA SÓ CARNE"

(Continuação da página onze)

relegadas para os três KKK embrutecedores. Os homens nem se lembram de que ninguém como eles é tão humilhado «pelo crime de tratar a mulher como escrava». E também se não lembram de que está nas mãos das mulheres cobri-los de ridículo aos olhos uns dos outros.

Para se poder falar em casamento, em lar e em procreação, sem ao mesmo tempo falar em sevícias e injúrias graves, em falta de mobília, de roupa e de leito, em adultério, é necessário fazer do amor elemento integrante do casamento, do lar e da procreação. E isso significa criar as condições para que homem e mulher se casem e se reproduzam por amor e só por amor. Significa resolver problemas económicos, morais, sociais. Salários. Higiene. Renda de casa. Independência económica das mulheres. Paralelismo de sexos. Educação dos filhos assegurada.

Então não é uma mera ambição querer que o casamento, o lar, a procreação, sejam o producto duma ligação íntima e profunda, de todo o ser, coração e vontade. Que a vida em comum de homem e mulher não seja apenas a arrumação forçosa do solitário, mas a realidade funda e sentida do mais esplendoroso dos sentimentos humanos. Que homem e mulher, rapaz e rapariga, numa união exclusiva e sã, completados pela posse e pela mútua-compreensão, caminhem lado a lado na vida. Que se acompanhem abraçados nos dias calmos e sob tempestades. Que fitem com fé o seu futuro e o futuro dos rebentos queridos da sua afeição.

Que nova e acariciante luz banhando a humanidade!

treze